



Reflexões sobre os problemas da BP

Fiquei a pensar no que está acontecendo com a BP, a multinacional petroleira, baseada em Londres, após ter vivido dois grandes incidentes aqui nos Estados Unidos: uma explosão e um incêndio na sua refinaria BP América, na Cidade de Texas, que custou a vida a 15 pessoas em março 2005, e muito recentemente, este ano, a explosão e incêndio da torre de perfuração em alto mar da *Deepwater Horizon*, no Golfo de México, onde perderam a vida 11 pessoas e que ocasionou aquilo que poderia ser o incidente ambiental mais grave que vimos no nosso hemisfério.

O motivo principal da explosão na refinaria de Texas City foi “uma larga história de cortes orçamentais e falta de financiamento”, de acordo com o relatório¹ do U.S. Chemical Safety and Hazards Investigations Board (CSB). Esse relatório indica que, após ter comprado essa refinaria da Amoco, a BP ordenou uma redução de 25% do seu custo operativo. Muito possivelmente, as conclusões finais do incidente no Golfo serão similares, mas está emergindo um consenso crescente a respeito do fato que a metodologia de trabalho da BP, que tem muito êxito em muitas frentes, não se transfere com a mesma eficácia ao mundo da segurança.

De acordo com um estudo publicado pelo *Washington Post*², após entrevistas com consultores e empregados da BP, concluiu-se que a companhia enfatizava, muitas vezes com uma intensidade quase cômica, “a segurança pessoal, enquanto não prestava muita atenção à segurança do processo”. Esse mesmo artigo menciona que um consultor da BP recorda que recebeu uma repreensão, quando subia pelas escadas dum edifício, porque levava em mão uma taça de café e na outra a sua maleta de viagem. De acordo com os regulamentos da BP, ele deveria ter deixado uma mão livre para poder apanhar o corrimão caso tropeçasse. Tudo isso era muito familiar para mim. Quantas vezes, tentando entrar numa refinaria, nos pararam, muitas vezes até impedindo a entrada, porque não tínhamos proteção auditiva ou camisa de algodão de manga larga, botas ou óculos de segurança ou – minha favorita – o capacete de segurança mas, atenção, com a fixação no queixo para que não caia! Mas quando entrávamos, para nossa surpresa, encontramos os sistemas de proteção contra incêndios desativados, mal instalados ou mal projetados ou, em certos casos, inexistentes.

Aquilo que está acontecendo é que estamos confundindo a segurança pessoal, que é importante mas muito fácil de cumprir e que tende a não ser catastrófica, com a segurança do processo. Algo similar ocorre com a proteção contra incêndios, quando confundimos uma boa proteção com políticas de não fumar ou de limpeza ou com a compra de muitos extintores e mangueiras.

Quantas vezes ouvimos, em indústrias de alto risco, garantias da alta gerência de que “o único aspecto onde não poupariam seria em recursos para a segurança”. Mas, a seguir, descobrimos, surpresos, que o projeto onde estávamos trabalhando fora adiado, reduzido ou, o que

acontece mais frequentemente, que o departamento de contratação selecionara o concorrente que apresentou o custo mais baixo, mesmo que sem cumprir os requisitos técnicos mínimos da licitação. Há aqui, realmente, um curto circuito em grande parte do mundo empresarial: o pessoal de segurança ou que lida com riscos raramente obtém aquilo que queria comprar, pois a contratação é executada pelo pessoal de compras, cujo único objetivo é gastar a quantidade mínima de recursos.

De acordo com os executivos da BP, o DNA da companhia busca uma tomada de decisões utilizando um juízo discricionário. Isso é admirável e reflete o melhor da cultura britânica. Para mim, no entanto, isso é contrário à minha formação, enraizada na cultura americana, que tende a abordar as decisões de forma mais prescritiva, dentro de parâmetros legais e normativos previamente estabelecidos. Embora se possa argumentar que todos os negócios têm algo a ver com assumir riscos, a BP, utilizando sua cultura, foi suficientemente agressiva para inovar tecnologicamente e converter-se numa companhia global e altamente rentável. Mas o problema para a BP, de acordo com o artigo do *Washington Post*, surge quando a segurança segue a mesma conduta que noutras áreas produtivas. Quer dizer, os raciocínios que se aplicam quando se analisam os riscos tecnológicos ou financeiros, não devem ser os mesmos que se aplicam ao momento de considerar os riscos da segurança. Infelizmente, esse risco de segurança se tornou muito mais latente quando se transplanta essa metodologia britânica para a cultura americana, acostumada a um cumprimento quase obsessivo de normas e regras. Seria necessário enfatizar que esses cumprimentos de normas e regras fizeram da indústria petroleira americana uma das mais seguras do mundo e, paradoxalmente, com muito pouca supervisão externa. Especificamente no mundo industrial, aqui nos Estado Unidos pensamos, talvez erroneamente, que uma vez que “as coisas estão funcionando bem, então porque se intrometer, fazendo inspeções?”.

Essa pode ser uma lição importante para nós? Eu acho que sim. Nesta coluna e quando tenho a oportunidade de falar em público, sempre sugeri que tenhamos disciplina normativa. Eu disse também que a intuição (ou esse juízo discricional) não tem cabimento na segurança contra incêndios. E que as soluções prescritivas, como as que encontramos nas normas NFPA, são muito mais apropriadas para o nosso nível de desenvolvimento. Mencionei que, em segurança contra incêndios, sempre devemos buscar o consultor mais preparado e experiente, o instalador mais profissional e a companhia de manutenção mais séria. Também disse que nos, ao não termos uma cultura que permita o estudo de nossos erros, não podemos aprender do nosso passado.

Por exemplo, a investigação do incidente em Texas City

foi a maior investigação que o CSB fez em sua história. Os relatórios, os filmes e as recomendações desta investigação foram independentes, são públicos e estão para que todos aprendam deles. Uma exceção, a nível regional, é o incidente de 2001 na plataforma P-36 – então a maior do mundo – ocorrida no Campo Roncador, ao largo da costa de Rio de Janeiro. Operada pela Petrobras, se incendiou após duas explosões, afundando finalmente e provocando a morte de 11 pessoas. Sobre esse incidente existe uma investigação interna que descreve aquilo que aconteceu e estabelece recomendações corretivas. Embora não tenha sido uma investigação independente, é um excelente precedente regional.

Uma última reflexão. Em meados dos anos 90, quando trabalhava como consultor em engenharia de proteção contra incêndios para PDVSA, o Engenheiro Orvyle “Bud” Slye – talvez o mais emblemático dos engenheiros de proteção contra incêndios no setor petrolífero – nos fez uma pergunta, por acaso muito válida, sobre aquilo que estávamos observando numa refinaria venezuelana. Disse: “porque, em sua opinião, estas instalações estão mais protegidas contra incêndios do que uma refinaria similar no Texas?”. A seguir uma breve pausa e sem que eu nem ninguém a meu lado soubesse o porquê, ele respondeu: “porque, se aqui algo acontecer, e a refinaria não for capaz de controlar a emergência, não há nada mais a fazer enquanto, em Houston, por exemplo, há dezenas de instalações similares a umas quantas milhas de distância, com recursos, equipamento adicional e bombeiros profissionais experientes, que podem responder em minutos”. Quer dizer que, em Houston, é muito importante a ajuda mútua, enquanto na maioria das instalações petroquímicas (e grandes indústrias) da América Latina, é mais importante a autoproteção. ♣

Referencias

¹Investigation Report, Refinery Explosion and Fire, BP Texas City, Report No. 2055-04-I-TX, U.S. Chemical Safety and Hazard Investigation Board.

²“BP Chief Expected to Step Down”, Washington Post, julho 26, 2010, páginas A1 y A5.

Jaime A. Moncada P.E., é diretor da International Fire Safety Consulting, (IFSC), uma firma consultora em engenharia de proteção contra incêndios com sede em Washington, DC. e com escritórios na América Latina. O correio eletrônico do Eng. Moncada é jam@ifsc.us.



NÃO DEIXE ACONTECER COM VOCÊ !

A escolha da solução correta para detecção de gás é crítica para a proteção de vidas, ativos e para a continuação dos negócios.

A linha **VESDA ECO** é a última inovação da Xtralis para detecção de gás projetada, baseada no mais confiável sistema de detecção de fumaça por aspiração (ASD) de advertência muito precoce.

- Melhor cobertura da área através de uma rede de tubos multiperfurados e de desenho flexível
- Instalação, manutenção e cuidados simplificados, para reduzir o custo total do investimento

VESDA ECO™ 
by  **xtralis**™

- Para conhecer melhor a **VESDA ECO**, visite www.xtralis.com/vesda-eco ou entre em contato em marketing@xtralisamericas.com

Ingresse em <http://anunciantes.nfpajournal-latino.com> e marque **XTRALIS**